

«LEIA ESTAS CARTAS, QUE NELAS VERÁ DEBUXADO SEU FERVEROSO ESPÍRITO». SOBRE ALGUMAS CARTAS ESPIRITUAIS E DIRECTIVAS DE RELIGIOSOS PORTUGUESES (SÉCULOS XVI E XVII)

PAULA ALMEIDA MENDES*
UNIVERSIDADE DO PORTO - CITCEM
paula_almeida@sapo.pt

RESUMO: Este estudo pretende chamar a atenção para algumas cartas redigidas pelo Padre João Cardim (S.J.), especialmente as que foram dirigidas à sua mãe, D. Catarina de Andrada, e à sua irmã, a madre Isabel de São Francisco (O.S.H.), na medida em que estas permitem auscultar o ascendente espiritual, realizado, neste caso concreto, por meio de conselhos e orientações espirituais, que o religioso, apesar da sua juventude, exerceu junto daquelas. Deste modo, estas cartas indicam-nos alguns vectores interessantes da orientação da vida espiritual e da direcção de consciência no século XVII português: recomendações de leituras, de modos de orar ou de práticas ascéticas e devotas.

PALAVRAS-CHAVE: Padre João Cardim (S.J.); Epistolografia; Direcção espiritual; Século XVII.

ABSTRACT: This study aims to draw attention to some letters written by Father João Cardim (S.J.), especially those that were addressed to his mother, Catarina de Andrada, and his sister, Mother Isabel de São Francisco (O.S.H), as they allow to listen up spiritual ascending, held, in this case, through advice and spiritual guidance, by this religious, despite his youth. Thus, these letters show us some interesting vectors of the guidance of the spiritual life and consciousness direction in the XVIIth century in Portugal: recommended readings, modes of prayer or ascetic and devotional practices.

KEY-WORDS: Father João Cardim (S.J.); Epistolography; Spiritual direction; XVIIth century.

Como é sabido, a carta é um meio de comunicação escrita do foro privado, podendo não ter uma finalidade literária¹, nem um propósito de divulgação

1 O género epistolar gozava de uma longa tradição textual herdada da Antiguidade e foi reabilitado pelos humanistas. Veja-se GÓMEZ MORENO, Ángel – *La epístola humanística*. In *España y la Italia de los Humanistas*. Madrid: Editorial Gredos, 1994, pp. 179-196.

* Bolseira de Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Investigadora do CITCEM

pública. Enquanto documento que testemunha a comunicação entre indivíduos, a carta parte de um pressuposto não-ficcional e, por isso, fora do contexto dessa comunicação, poderá funcionar como um texto que permite aceder ao conhecimento de uma realidade histórica, veiculando uma determinada perspectiva cultural, religiosa e social.

No contexto religioso e espiritual do século XVII português, mais concretamente no que diz respeito à direcção espiritual, o exemplo mais conhecido, em âmbito literário, será certamente a edição das Cartas espirituais, de Fr. António das Chagas, reeditadas em 2000 por Isabel Morujão².

Todavia, no conjunto das «Vidas» de santos e de «Vidas» devotas editadas em Portugal, ao longo do século XVII, é possível encontrar também um acervo de cartas redigidas pelos religiosos biografados em causa, que nos poderão revelar alguns dados sobre o que poderá ter sido a direcção espiritual por aqueles tempos. Neste conjunto, inscrevem-se cartas escritas pelo Padre João Cardim (S.J.) (†1615), incluídas pelo seu biógrafo, o também jesuíta Sebastião de Abreu, na Vida, e virtudes do admirável Padre Joam Cardim da Companhia de Jesu Portuguez Natural de Vianna de Alentejo (1659)³, as cartas redigidas pelo Padre António da Conceição (C.S.J.E.) (†1602), compiladas por Fr. Luís de Mértola (O.C.) no Extracto dos Processos que se tiraram por ordem dos Illustrísimos Ordinarios na forma do direito sobre a vida e morte do Veneravel Padre António da Conceição (1647)⁴, e apresentadas na «Segunda parte» da obra, e algumas cartas de Fr. Estêvão da Purificação (O.C.) (†1617), recolhidas pelo biógrafo Fr. Pedro da Cruz Juzarte (O.C.) na Trasladação do Veneravel Padre F. Estevão da Purificação, Portuguez, natural de villa Moura, religioso carmelita, da regular observância, chamado vulgarmente o Santinho (1662)⁵. De entre este conjunto, o acervo mais significativo é o das cartas escritas pelo Padre João Cardim. De facto, o biógrafo, o Padre Sebastião de Abreu dedica o «Quinto» e último «Livro» da Vida, e virtudes do admirável Padre Joam Cardim da Companhia de Jesu à recompilação de várias cartas escritas pelo biografado a sua mãe, D. Catarina de Andrada, a suas irmãs, a Madre Isabel de São Francisco, religiosa jerónima no convento de Jesus de Viana do Alentejo, e Soror Serafina de Andrada, religiosa clarissa no mosteiro de Santa Clara de Portalegre, a seu irmão, o Padre António Cardim, e ao Padre António de Vasconcelos, ambos da Companhia de Jesus, entre Agosto de 1611 e Novembro de 1614. Antes de avançarmos, será talvez melhor fornecermos alguns dados biográficos deste

2 CHAGAS, Fr. António das – *Cartas Espirituais*. Edição de MORUJÃO, Isabel. Porto: Campo das Letras, 2000.

3 Evora: na Oficina da Universidade, pp. 323-434.

4 Lisboa: por Antonio Alvares, pp. 90-115.

5 Lisboa: na Oficina de Henrique Valente de Oliveira., pp. 146-240.

jesuíta.

João Cardim nasceu em 1 de Junho de 1585, em Torre de Moncorvo. O seu pai, o Doutor Jorge Cardim Froes, «de nobre; & antiga família deste apelido»⁶, nascido em Viana do Alentejo, exerceu importantes funções «ao serviço de ElRey», não só em «diversos cargos de administração da justiça», mas também na «Corte de Lisboa», onde foi «Desembargador dos Agravos da casa da Suplicação»⁷. Todavia, o autor destaca, sobretudo, a sua propensão para «todas as obras de virtude», a sua afeição pela «inteireza, & verdade», a sua frequência «na assistencia aos Officios Divinos, no uso dos sacramentos da Penitencia, & Sagrada Communhão, & em muitos exercicios de Piedade, virtude, & devação», o seu temor a Deus e cuidado «de sua salvação, a qual encaminhava, & pela qual regulava as mais obrigações de seu estado»⁸. Após ter deixado o ofício de desembargador, abandonou também a Corte e recolheu-se a Viana do Alentejo, onde viveu, ocupando-se nos «exercicios santos com que se despunha pera morrer», até ao fim dos seus dias⁹.

A mãe de João Cardim, D. Catarina de Andrada, era natural da vila de Campo Maior, e dela

*ficarão também singulares exemplos de virtudes, assim no estado de casada, como no de viuva, sendo por opinião de pessoas prudentes, & espirituas, que particularmente a tratarão, & geralmente das que mais a conhecerão, tida, & louvada por grãde serva de nosso Senhor*¹⁰.

D. Catarina de Andrada praticava a esmola, exercícios de penitência e a oração, «pera á qual tinha sempre tempos determinados no dia, que dava a este santo exercicio no seu oratorio, que tinha muy bem concertado»; tinha «tambem o vso, & frequancia de livros espirituas» e, quando já era viúva, passava as manhãs a ouvir missa no mosteiro das religiosas de São Jerónimo, em Viana do Alentejo, «e orando vocal, & mentalmente, purificando tambem

6 De acordo com Manuel José da Costa Felgueiras Gayo, o primeiro membro da família Cardim de que há notícia foi Roberto Cardim, que veio de Inglaterra, donde era natural, para Portugal, com o seu pai e outros cavaleiros, acompanhando a futura rainha D. Filipa de Lencastre, que casou com D. João I. O Dr. Jorge Cardim Fróis era filho de D. Inês Cardim e de Gaspar Clemente, de origem nobre e instituidor de um morgado. Veja-se *Nobiliário de Famílias de Portugal* (facsímile da 1ª edição). III volume (tomo VIII). Braga: Edição de Carvalhos de Basto, 1989, p. 333.

7 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 1.

8 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 2.

9 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 2-3. O Dr. Jorge Cardim Fróis foi também aí sepultado, na Capela de Nossa Senhora da Conceição, no Mosteiro de Jesus de Viana.

10 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 3-4.

sua alma com a frequência do sacramento da confissão, & fortificandoa com a sagrada communhão de todos os oito dias»¹¹. Além disso, zelava pelo bom governo de sua casa, mas, à semelhança de Santa Ana, «ocupavasse com maior cuidado na criação, & doutrina de seus filhos»¹².

Mas, por outro lado, parece-nos que este discurso panegírico prender-se-á à convicção de que o filho João Cardim, protagonista da narrativa, iria herdar dos pais esta superioridade espiritual: com efeito, não é por acaso que o biógrafo refere que «nos processos que no anno de 1643 se fiserão da vida, & virtudes do P. João Cardim» encontrou «testemunhas, que tendo sido criados da casa de seus pays, depoem com juramento, que quando ouvirão da muita santidade com que o P. Joam Cardim vivera, & acabara a vida, disserão que não podia filho de santos deixar de ser santo»¹³.

Além disso, a educação moral e religiosa dada pelo Doutor Jorge Cardim Froes e por D. Catarina de Andrada foi, no entender do Padre Sebastião de Abreu, uma condição essencial para que nove dos seus dez filhos escolhessem o caminho da vida religiosa:

*criação ambos seus filhos como recebidos de Deos, pera outra vez lhos tornarem, consagrandolhos no estado de Religiosos; e a este fim os affeyçoavão logo da primeira idade não só a toda a piedade, mas tambem ao amor da vida mais Santa, & Religiosa, enformandoos entre os exemplos de suas vidas em o Santo temor de Deos, acostumandoos logo de meninos a todas as obras de virtude. E ou foy fruto, ou foy paga, & premio deste cuidado dos Pays o bem, que elle selhes logrou nos filhos*¹⁴.

11 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 4. O comportamento de D. Catarina era, aliás, o preceituado pela literatura doutrinária e moralizante da época. Veja-se, a propósito, ANDRADA, Diogo Paiva de – *Casamento Perfeito*. Sá da Costa, 1982, p. 141: «A frequência da confissão, e comunhão, e mais obras devotas, é o que importa para assegurar a honra, e apurar a consciência, e para afugentar ocasiões dos vícios, a atrair virtudes...». Por sua vez, Julia Varela (ob. cit., pp. 179-180) defende este ponto de vista, se bem que um pouco «radical»: «La esposa ideal se definirá en oposición a las mujeres de su época – cortesanas, prostitutas, brujas y hechiceras, vagabundas y religiosas endemoniadas – mujeres malditas desde entonces, sobre cuya destrucción sistemática cabalga la constitución de la moderna feminidad cuyo prototipo será la Virgen María».

12 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 5. RUIZ-CALVEZ, Estrella, no seu estudo *Religion de la Mère, religion des mères. Sainte Anne éducatrice: les images de la mère selon l'iconographie de S. Anne*. In *La religion de ma mere. Le role des femmes dans la transmission de la foi*. Dir. de DELUMEAU, Jean. Paris: Éditions du Cerf, 1992, pp. 123-155), defende que a evolução, ao longo dos séculos XV a XVII, da iconografia de Santa Ana foi acompanhada por uma evolução da imagem da mãe na sociedade cristã, que desde o final do século XV contribuiu para associar a maternidade cristã à imagem da mãe educadora.

13 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 11.

14 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 5.

Com efeito, à excepção da filha mais velha, Maria Cardim de Andrada, que casou com Diogo Marmeleiro de Noronha, todos os filhos do Doutor Jorge Cardim Froes e de D. Catarina vieram a ser religiosos: D. Inês de Andrada, D. Serafina de Andrada e D. Leonor Froes foram clarissas, no convento de Santa Clara de Portalegre; D. Isabel (posteriormente Madre Isabel de São Francisco) e D. Francisca (que adoptou o nome de Soror Francisca da Trindade) entraram no convento de Jesus da Ordem de São Jerónimo; Plácido foi religioso da Ordem de Cristo; João, António e Diogo ingressaram na Companhia de Jesus¹⁵.

Mas os exemplos dos três tios paternos de João Cardim, a saber, os Padres Fernão Cardim, Lourenço Cardim e Diogo Froes, foram, na opinião do biógrafo, preponderantes para que aquele e os seus oito irmãos escolhessem a vida religiosa: «os exemplos dos Tios com a propensão tam conforme dos Pays pera com a Companhia de Jesu, passou como por obrigação do sangue aos sobrinhos, & filhos»¹⁶.

Em 1611, João Cardim iniciou o período de noviciado na Companhia de Jesus, que durou dois anos. O seu itinerário na Companhia de Jesus foi marcado pelo fervor da vida espiritual, pelo rigor da vida ascética, pela prática das virtudes heróicas e por uma significativa actividade missionária, integrando várias missões do interior, levadas a cabo pelos jesuítas. Faleceu, com fama sanctitatis, a 18 de Fevereiro de 1615, no colégio de São Paulo da Companhia de Jesus, em Braga, a qual foi ganhando cada vez maior expressão devido aos milagres post mortem obrados por sua intercessão, na maior parte dos casos graças às suas relíquias. Esta moldura justificou a abertura de um processo, em Roma, com vista à sua beatificação ou canonização, que corria já pelo ano 1645, em que Filipe Alegambe deu à estampa a *De vita et moribus P. Ioannis Cardim Lusitani è Societate Iesu*¹⁷.

É o próprio Padre Sebastião de Abreu quem nos dá a conhecer os motivos que o levaram a incluir estas cartas escritas pelo Padre João Cardim na sua obra, mostrando, uma vez mais, o carácter alargado dos seus objectivos, que iam muito além dos intuitos meramente hagiográficos:

a primeira a edificação, & doutrina, principalmente de pessoas Religiosas, & das mais que tratão de virtude: porque acharam nellas muito que aprender. A segunda pera que dellas se entenda, quam verdadeiras sam as cousas, que de

15 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 6-10.

16 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 8. O Pe. Fernão Cardim foi Provincial da Província do Brasil; o Pe. Lourenço Cardim morreu em consequência de um ataque de «hereses Cossairos», quando ia para o Brasil; o Pe. Diogo Fróis foi Lente de Teologia moral no colégio e Universidade de Évora.

17 Romae: Typis Francisci Caballi.

*seu grande espirito ficão referidas neste breve volume: porque a meu entender, quando nam tiveramos motivos pera as crer; bastavão estas suas cartas pera nos persuadirem ser muito pouco, quanto de suas virtudes, & insigne perfeiçam deixamos dito*¹⁸.

Estabelecendo uma analogia entre a escrita epistolar e a pintura¹⁹, na esteira do ut pictura poesis horaciano, e recorrendo a várias «autoridades», como Santo Ambrósio, São Basílio, São Gregório Magno e São Paulo, o Padre Sebastião de Abreu exorta o leitor à leitura das cartas do Padre João Cardim, pois

*nellas verá debuxado seu fervoroso espirito, o odio que tinha ao mundo, & a suas vaidades; o amor que tinha a Deos, & a tudo o que era virtude, o desprezo de sy mesmo, sua extraordinaria mortificaçam, seu espirito de oraçam, & tudo o mais que de suas virtudes, & santidade deixamos referido*²⁰,

ratificando, assim, todo o conteúdo da escrita da Vida e virtudes.....

Do conjunto das vinte e nove cartas escritas pelo jesuíta, quatro são dirigidas ao Padre António de Vasconcelos, da Companhia de Jesus. Nestas cartas, o jovem religioso relata ao seu «pai espiritual» as suas obrigações diárias durante o período do noviciado²¹ e o aproveitamento espiritual alcançado²², o gosto em fazer todas as tarefas relacionadas com a Religião e em viver pobremente²³, as muitas mercês e consolações divinas que vinha recebendo²⁴.

18 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 324. O biógrafo acrescenta o seguinte: «Porque quem bem considerar serem cartas de filho pera mãy, de irmão pera irmãos, com quem nem podia faltar a confiança, nem occasioens de tratar de quando em quando de cousas temporaes, & domesticas, & achar que nem a taes pessoas escreve o varam de Deos em cartas tam repetidas, nem huma só palavra que nam seja de grande espirito, em ordem a lhes persuadir toda a virtude; se prudentemente julgar, assentará consigo, que o P. João Cardim estava totalmente morto ao mundo, a cujas cousas tinha o gosto tam perdido, como delle testemunharão quantos o tratarão, & nós referimos no discurso desta sua vida, & que estava tam penetrado de Deos, que nem sabia tratar, nem fallar, nem escrever, senam delle, de suas grandezas, das virtudes, & santos exercicios, que a elle podião encaminhar» (ob. cit., p. 324).

19 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 324-327.

20 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 325.

21 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 330-331 (carta de 22 de Agosto de 1611).

22 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 328-329.

23 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 329-330, 348-349: «... não ha trabalhos, nem injurias, nem mares, Indias, ou Jappoens, que me pareçõ difficultosos; & com isto ficão os trabalhos da Religiam tam suaves, que os nam sinto, antes sam regalos, & mimos, & os interiores muito maiores, que certo, se assim ouver de ser, parece que me nam quer o Senhor dar sua crus, senam o peixe assado, & o favo de mel dos Dicipulos; mas consolome, que ainda que assim passa, estam os trabalhos a diante, & espero que nelles seram meus regalos: queira o Senhor dar-me tal animo, & fortificarme de maneira, que seja sempre constante, & me pareçõ todos os maiores».

24 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 418, 420.

Contudo, apesar da sua importância, não são estas que, neste conjunto, nos possibilitarão uma maior aproximação à realidade histórica da época em que foram redigidas e nos fornecerão alguns paradigmas dos modelos comportamentais que permitirão compreender melhor a realidade cultural e social portuguesa do século XVII. Efectivamente, são as cartas dirigidas pelo Padre João Cardim aos irmãos, principalmente aquelas que têm como destinatário as suas irmãs, a Madre Isabel de São Francisco e D. Serafina de Andrada, e a sua mãe, D. Catarina de Andrada, que nos permitirão discernir uma das modalidades mais eficazes de exercício do poder eclesiástico, ou seja, a orientação espiritual.

A problemática em torno da questão da direcção espiritual na Época Moderna conheceu, recentemente, um importante contributo, através da publicação do volume *Storia della direzione spirituale. L'età moderna*²⁵, organizado por Gabriella Zarrì, inserido na colecção «*Storia della direzione spirituale*», coordenada por Giovanni Filoramo. Neste sentido, parece-nos que valerá a pena lembrar as palavras do mesmo autor, que, retomando as afirmações de Mario Rosa, procura lançar alguma luz em torno da problemática da direcção espiritual:

*A rigore, la direzione spirituale è un fenomeno specifico del cattolicesimo moderno. Si tratta, infatti, di un istituto che, nel più generale clima di "disciplinamento" e di controllo delle coscienze tipico dell'età della Controriforma, si è progressivamente imposto come uno strumento "attraverso il quale si sono plasmate le coscienze individuali e introiettati modelli di comportamento collettivi nel corso dei secoli XVI-XVIII". In quanto tale, essa costituisce una realtà culturale specifica, estendibile soltanto con le opportune cautele metodologiche ad altre epoche e situazione cristiani precedenti. D'altra parte, (...), la pratica della direzione spirituale preesiste da lunga data al concretizzarsi in epoca moderna del concetto e al formarsi di un vero e proprio istituto, che in ambito cattolico è canonicamente regolato*²⁶.

Como bem realçou Gabriella Zarrì, a questão da direcção espiritual inscreve-se nos «complexi processi di ridefinizione del cristianesimo europeo nell'età confessionale»²⁷, no sentido de um disciplinamento social, que se traduziu num controlo doutrinal e moral, característico da ofensiva contrarreformística,

25 Brescia: Morcelliana, 2008.

26 FILORAMO, Giovanni – «Introduzione». In *Storia della direzione spirituale. 1. L'età antica*. Brescia: Morcelliana, 2006, pp. 5-6, *apud* ZARRI, Gabriella (a cura di). Ob. cit., p. 8.

27 ZARRI, Gabriella – «Introduzione». In *Storia della direzione spirituale*. Ob. cit., p. 9.

no campo da codificação de modelos, gestos e atitudes²⁸. De acordo com a mesma autora, a história da direcção espiritual, ao longo da Época Moderna, «si caratterizza soprattutto per il suo costituirsi come istituto regolato, retto non soltanto da una prassi antica e consolidata, ma anche dal progressivo formarsi di un corpus dottrinale e normativo che si sviluppa a latere del più ampio problema della giustizia ecclesiastica»²⁹.

Com efeito, estas cartas deixam entrever o ascendente espiritual, concretizado, neste caso, através de conselhos e orientações espirituais que o Padre João Cardim, apesar da sua juventude, exerceu sobretudo junto da sua mãe e da sua irmã, a Madre Isabel de São Francisco. Deste modo, esta correspondência apresenta-se como um documento valioso para a compreensão do que parece ter sido a direcção espiritual no século XVII português, na medida em que nestas se transmitiram conselhos, exortações, elogios, metodologias e estratégias de oração, devoções, práticas penitenciais e mortificatórias, recomendações de leituras espirituais.

No conjunto desta correspondência, três cartas têm como destinatário o irmão do Padre João Cardim, António Cardim, que, aquando da sua escrita, era estudante no Colégio da Companhia de Jesus, em Évora. Os conselhos e as orientações espirituais presentes nestas cartas dirigidas ao seu irmão António Cardim têm a ver, sobretudo, com a necessidade imprescindível de conformação à vontade divina, que deverá passar necessariamente pela «total resignação, & abnegação propria, como fes o Filho de Deos», o que, «se se fiser bemfeito, nos fará santos, que he o que sô importa: porque tudo o mais he vaidade»³⁰, a exortação ao exercício das virtudes, sobretudo a obediência, a humildade e a paciência³¹, a prática da oração e das «lembranças de Deos entre dia» como os principais meios para ser-se perfeito e santo³², a importância de fazer o exame particular³³, o valor do estudo e o incentivo a ser um perfeito estudante³⁴, a devoção às relíquias dos santos³⁵, a necessidade da imitação dos exemplos dos santos, especialmente dos da Companhia de Jesus³⁶.

O grosso das cartas recompiladas no «Livro Quinto» da Vida e virtudes... tem como destinatário um receptor feminino: a irmã do emissor, a Madre

28 ZARRI, Gabriella – «Introduzione». In *Storia della direzione spirituale*. Ob. cit., p. 9.

29 ZARRI, Gabriella – «Introduzione». In *Storia della direzione spirituale*. Ob. cit., p. 11.

30 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 393-394; 410.

31 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 409, 410.

32 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 409-410.

33 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 410

34 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 410-411.

35 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 423.

36 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 424.

Isabel de São Francisco. Como tentaremos mostrar, são as cartas dirigidas a esta religiosa que nos poderão indicar alguns dos vectores mais interessantes da direcção de consciência e orientação da vida espiritual no século XVII. Importa, desde logo, notar que, ainda que a vida religiosa do século XVII tenha sido marcada por algumas atitudes de relaxamento e por outros aspectos, não só de ordem económica e social, mas também comportamental, que conduziram algumas senhoras à escolha da vida de clausura, a vida religiosa feminina não foi, completamente, «afectada» por estes desvios e o monacato feminino não se desviou dos pilares ideológicos em que se sustentava, nem das suas linhas de orientação espiritual³⁷. Com efeito, assim o parecem testemunhar estas cartas, que funcionavam como resposta do Padre João Cardim a muitas outras que lhe eram dirigidas pela sua irmã, a qual procurava conselho e orientação espiritual para atingir a perfeição religiosa. Mas é importante notar que este conselho e esta direcção espiritual eram também procuradas pelas outras religiosas jerónimas do convento de Jesus, em Viana do Alentejo, pois as cartas, que, de princípio, apresentavam uma orientação individual, de carácter privado, acabavam por se dirigir a toda a comunidade³⁸, mostrando assim a difusão alargada que estas cartas tiveram.

A leitura destas cartas dirigidas à Madre Isabel de São Francisco parece permitir-nos concluir que estas fazem eco de todo um programa, iniciado pela corrente da devotio moderna, que, desde o século XVI, vinha propondo métodos que possibilitassem a prática da oração fora dos domínios restritos da liturgia ou dos ofícios. Deste modo, estas cartas do Padre João Cardim parecem-nos contribuir para a intensificação deste «movimento», na medida em que propõem algumas metodologias que têm como objectivo alcançar a proximidade com Deus e a perfeição cristã. Um dos principais motivos que levaram o Padre João Cardim a escrever estas cartas foi o desejo de que a sua irmã alcançasse a perfeição espiritual e, por conseguinte, a «santidade», que, segundo ele, exigia duas condições fundamentais: andar sempre na presença de

37 A propósito do grande número de vocações reais entre o universo feminino no século XVII, afirma REYNES, Geneviève – *Couvents de femmes. La vie des religieuses cloîtrées dans le France des XVII^e et XVIII^e siècles*. Paris: Fayard, 1987, p. 49: «La première moitié du XVII^e siècle fut une période de grande tentation monastique pour les femmes, entraînées par le puissant enthousiasme religieux qui soulevait alors la société». Veja-se também VAN KESSEL, Elisja Schulte – *Virgens e mães entre o céu e a terra. As cristãs no início da Idade Moderna*. In *História das Mulheres*, vol. II (Do Renascimento à Idade Moderna). Dir. de FARGE, Arlette; DAVIS, Natalie Zemon. Porto: Ed. Afrontamento, 1994, esp. pp. 205-209.

38 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 159-161.

Deus³⁹ e a prática da oração mental⁴⁰.

Todo o programa espiritual proposto pelo Padre João Cardim parece assim sustentar-se na prática da oração mental, em detrimento da tradicional prática da oração vocal. Para o Padre João Cardim, a oração mental pressupunha uma série de requisitos prévios, tais como «cortar por estas difficuldades de respeitos humanos, & resolver huma ves com Deos, querendoo a elle somente, & nam tornando com isto atras, & ir todos os dias, & horas vendo o quanto crece em virtude, & amor seu»⁴¹. Nesse sentido, este conjunto de cartas veicula um ensinamento de variados modos de orar, que procuram inculcar a prática da oração metódica. Neste sentido, os modos de orar propostos pelo Padre João Cardim à irmã assumem várias e diversas modalidades, o que parece traduzir a extrema vitalidade desta prática. A oração afectiva é uma das modalidades de oração recomendadas pelo jesuíta⁴² (que aconselha mesmo as jaculatórias⁴³). Por outro lado, o Padre João Cardim também distingue e aconselha outras

39 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 339-340: «A primeira cousa he, que trate v. m. de andar sempre na presença de Deos, nam se esquecendo nunca delle; & se fiser isto será santa. Os remedios agora pera isto sam; em acordando pella manhaã, ou quando se levanta á meya noite, pôr logo o pensamento em Deos, & esses serem seus primeiros cuidados, & pera isto antes que se deite á noite, imagine nalgumas palavras devotas de Psalmos, que entenda, ou de qualquer outra cousa espiritual, & santa, & com ellas se comece a vestir, nam admitindo outros pensamentos; & a isto chamamos despertadores: & em quanto se vestir seja com alguma consideraçam da Payxam, ou do minino JESV, de como naceo, do frio, pobreza, &c. Com a propria ande pellos dormitórios, & claustras trasendo sempre por companheiro a Christo, & á Virgem, & considerando que o seu Anjo da guarda a anda vendo, & espreitando, se faz isto, ou nam; as consideraçoes varieias, tomando cada hora huma, ou de tempo em tempo; & pera isto se pode aproveitar das Meditaçoens do P. Ponte. E o que mais tenho que encomendar neste ponto, que he este trato com Deos interior, de andar fallando com elle com entendimento, & affeiçoando a vontade ao amor, he o fallar delle de maneira que nunca suas praticas sejam outras, senam de Deos, ainda que eu tenho essas senhoras por tam santas, que nam terá necessidade de lhes dizer isto: mas quanto fosse necessario, bom seria, & levantar-se da pratica, fingindo que tem que fazer, como he ir fallar com seu Deos.»

40 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 340: «A segunda cousa he, que pois tem oraçam mental, dé o mais tempo que puder a ella, & faça, & ponha por obra o que o Espirito Santo nella lhe ditar. E se o cumprir inteiramente com a primeira cousa que encomendei, eu lhe asseguro huma grande santidade. E animese muito a ella, pois a esperão as eternidades de gloria, & de bens infinitos; lembrese do dito da Santa Tereza, que esta vida he huma má noite, que de pressa passa.»

41 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 367.

42 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 358-359.

43 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 377.

modalidades de oração, tais como a petição⁴⁴, o canto⁴⁵, a insinuação⁴⁶ e o louvor⁴⁷.

No que respeita a metodologias de oração, nomeadamente no âmbito da oração mental, o Padre João Cardim privilegia a meditação na Apresentação e na Encarnação⁴⁸, no Santíssimo Sacramento⁴⁹, no nascimento de Cristo⁵⁰

44 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 355-356: «Ha v. m. tambem de vsar muito de petiçoens, que he excelente modo de orar, no qual se podem gastar muitas horas, pedindo a Deos virtudes, & ao Espirito Santo seus doens; quando estas, ou outras cousas se pedem simplesmente, chamase petiçam; & quando se pedem alegando alguma cousa, titulo, ou motivo da parte de Deos, como he por suas Chagas, por sua santissima Payxam, chamase obsecraçam, & deste vsa muito a santa Igreja na Missa, quando nas oraçoens pede, *Per Iesum Christum Filium tuum*. Esta se pode tambem faser pella Virgem Santissima, pedindo por seus merecimentos, & pelos Anjos, & Santos do Ceo. E Deos como he Pay amorosíssimo, & piadosissimo nam espera mais, senam que lhe peçamos pera nos dar tudo, quanto na oraçam lhe pedirmos: porque assim o dis no Evangelho, que peçamos, que nos darão; que batamos, que nos abrirem».

45 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 357: «Mas porque me parece que sim; & que lhe deve nosso Senhor por meio delle ter feitas grandes merces, como faz a todos, os que o vsam de coraçam; irei proseguindo mais dous outros modos de orar muito bons, & fáceis, & hum delles he de canto, ao modo que se faz no Coro, de que vs. ms. vsam. E assim mentalmente imaginando que ou ouve musicas de Anjos, ou que v. m. mesma canta alguma cantiga, ou de nossa Senhora, ou do Santissimo Sacramento, ou do passo que quiser meditar, & nisto se pode gastar muito tempo, com o pensamento sempre em Deos».

46 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 355: «Tambem outro modo muito bom de orar he hum, que se chama insinuaçam; & consiste em tacitamente representar a nosso Senhor nossas misérias, & as de nossos próximos. As nossas dizendo, Senhor olhai como estou tibia, & fria, & como o sou em vosso amor: olhai o trabalho, que padeço em tal, ou tal cousa, & este que tenho agora aqui diante de vós; & como sou ignorante, & fraca; pois falando com hum Deos eterno, & Senhor de tanta Magestade, ante quem milhares, & milhares de Anjos, Serafins, & bemaventurados Santos se estam ajoelhando, & abrazando com fogo de vosso divino amor; eu estou aqui deste modo com tam pouca reverencia; & por aqui, o que ditar o Espirito Santo, que he o verdadeiro mestre. A insinuaçam dos próximos se fas representado a Deos suas miserias, dizêdo olhai quão que padecem tantos pobres, tantas viúvas, tâtos miseráveis, &c. Nam sois vós tam rico? porque os nam amparaes? E assim as espirituas de tantos em peccado mortal, tantos maos Sacerdotes, Religiosos, & tam frios servos vossos».

47 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 357-358: «Outro [modo] he louvallo [a Deus] por suas creaturas, pelos animaes, flores, plantas, homens, ceos, & elementos, terra, agoa, ar, & fogo; & pelos que se chamão mixtos, que são os metaes, ouro, prata, & as mais cousas que creou».

48 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 360.

49 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 360.

50 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 360, 367-368. O movimento da Contra-Reforma impulsionou a devoção ao Menino Jesus e a multiplicação das suas imagens. De facto, «numa época em que, ao contrário de agora, o estado da infância se considerava vil e digno de dó, estado de limitações racionais e de dependências de toda a ordem, verificar que Cristo se sujeitara a tal situação constituía, para os teólogos, uma lição de humildade e de doce obediência.» (cf. GONÇALVES, Flávio – *O vestuário mundano de algumas imagens do Menino Jesus*. «Revista de Etnografia». Junta Distrital do Porto. Nº 17 (1968), p. 6). Em Portugal, a literatura religiosa dos séculos XVII e XVIII apresenta vários exemplos de «composições consagradas ao Menino Jesus, particularmente assíduas nos meios franciscanos, onde a devoção do *presépio*, iniciada pelo *Poverello* de Assis, se radicara e desenrolvera.» (cf. GONÇALVES, Flávio – *O vestuário mundano de algumas imagens do Menino Jesus*. Art. cit., pp. 7-8). Contudo, como sublinha João Francisco Marques, o incremento maior recebido por este culto da Contra-Reforma veio da parte do mundo conventual feminino, quer através das práticas e leituras piedosas, quer das peculiaridades afectivas a que podia dar lugar (cf. MARQUES, João Francisco – *O alargamento das devoções: do Natal à Trindade*). In *História Religiosa de Portugal*. Vol. II. Dir. de AZEVEDO, Carlos Moreira de. Lisboa: Circulo de Leitores, 2000, p. 617).

e na Sua Paixão⁵¹, que, para o religioso, constitui um dos aspectos de maior vitalidade na vida espiritual, reflectindo, assim, a influência que a meditação na Paixão exerceu ao nível da espiritualidade dos séculos XVI e XVII, em oposição às correntes «alumbradistas», que recusavam a consideração desta dimensão, como realçaram José Adriano de Freitas Carvalho⁵² e Alvaro Huerga⁵³. Na perspectiva do Padre João Cardim, a meditação na Paixão de Cristo deverá ocupar um lugar fundamental no âmbito do «programa espiritual pessoal» de cada cristão⁵⁴. Ainda no domínio das práticas espirituais, o Padre João Cardim aconselha a irmã a proceder à realização do exame de consciência (que constituía uma das práticas centrais da espiritualidade jesuíta), à noite, antes de dormir, ensinando-lhe o modo como há-de fazê-lo⁵⁵, «porque he meio efficacissimo para alcançar muito de Deos, & adquirir virtudes; & por ahi se deixa huma pessoa a sy mesma»⁵⁶. Com efeito, a questão das virtudes ocupa um lugar especial na correspondência do Padre João Cardim para a sua irmã, o que não nos deve causar estranheza, pois, atendendo ao contexto religioso e histórico da época, a prática destas seria o reflexo da sua obediência à ortodoxia católica. É neste sentido que o religioso exorta a irmã a guardar-se da «doença» dos escrúpulos, porque estes são «hum dos impedimentos grandes, que há pera a virtude»⁵⁷, à observância da castidade - que, por estes tempos, continuava a ser considerada a virtude feminina por excelência e, como tal, sinónimo de «santidade» - e da modéstia, imitando assim a Virgem Maria⁵⁸, ao exercício da humildade e das

51 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 360-361.

52 CARVALHO, José Adriano de Freitas – *A evolução da meditação em Cristo sofrente na Península Ibérica (1538-1630)*. In *Homenaje a Elias Serra Rafols*, Universidad de La Laguna: La Laguna, 1970, pp. 45-70.

53 Cf. HUERGA, Alvaro – *Historia de los Alumbrados*. Vol. IV: *Los Alumbrados de Sevilla (1605-1630)*. Madrid: Fundacion Universitaria Española, 1988, p. 202.

54 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 378: «... porque se ha v. m. de aproveitar muito, & as mais senhoras, pois sam tam desejosas da perfeiçam; & a cousa, em que mais podem agradar a Deos, he em cuidarem em sua morte, & Payxam, aprobríos, & injurias: porque daqui se tira grande amor, & desejos de padecer por quem tanto primeiro padeceo». Também Sta. Teresa de Jesus, no capítulo VII das «Moradas sextas», da sua obra *Castillo interior o Las Moradas* (utilizámos a edição *Obras Completas de Santa Teresa de Jesús*. Edición y notas SANTA TERESA, Padre Silverio de. Burgos: Editorial de El Monte Carmelo, 1954, pp. 643-651) chama também a atenção para a necessidade da meditação na Humanidade de Cristo e na Sua Paixão.

55 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 352-355.

56 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 380, 385.

57 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 369. Como realçou Jean Delumeau, a «doença» dos escrúpulos era bastante comum na mentalidade dos cristãos: a sua origem devia-se, em parte, à consciência que estes tinham da sua natureza imperfeita e pecadora e do medo de ofenderem a Deus e, consequentemente, da sua possível condenação eterna (veja-se DELUMEAU, Jean – *Le péché et la peur. La culpabilisation en Occident (XIII-XVIII siècles)*. Paris: Fayard, 1983, pp. 350-357).

58 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 339.

três virtudes teológicas⁵⁹, da pobreza⁶⁰, da paciência⁶¹ e ao desprezo de todos os laços mundanos, de toda a propriedade e até de si mesma⁶². Nas suas cartas, o Padre João Cardim aconselha também o recurso a mortificações, que devem ser feitas pelo amor de Deus⁶³, tais como as disciplinas⁶⁴ e os cilícios (que, no entanto, devem ser usados com uma certa prudência⁶⁵): contudo, desmistifica um pouco a ideia de que as penitências fossem, por si sós, sinais de perfeição, ao propor as mortificações interiores, a prática da oração e o exercício das virtudes como meios mais eficazes para atingir esse propósito⁶⁶.

59 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 383.

60 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 398.

61 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 429.

62 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 367, 415.

63 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 415. Numa das cartas dirigidas à irmã, o Padre João Cardim escreve mesmo o seguinte: «Pus a v. m. clausulas na materia do amor dos irmãos, & parentes: porque tudo he necessario; & os santos fiserão nisto cousas admiraveis, & que nós cuidamos, que nisso não vai nada, & vai muito: porque muitos deixamos as casas de nossos pays com os corpos, mas com os corações, & lembrança nam sei quanto sejaõ. Em fim isto he materia mui espiritual, & entendida de mui poucos: porque nos leva muito o sangue, & affeiçam do que naturalmente amamos» (cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 402).

64 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 382: «... as mortificaçoens feitas por amor sam de muito maior merecimento, por serem pelo fim mais alto de todos; & qualquer obra por pequena que seja, feita por amor de Deos, he de maior valor, & merecimento, que huma penencia mui grande feita com tençam sô de fazer penitencia. Mas advirta, que em qualquer obra virtuosa que fiser, ou em huma diciplina que toma, pode exercitar varias virtudes, & ter muitos merecimentos, como será, tendo tençam de ser em penitencia de seus peccados, & pelos que estam em peccado mortal, & pelas almas que estam no fogo do Purgatório, & sobre tudo por amor de Deos; & tambem exercitando varias virtudes, como por humidade, pois os servos sam açoutados...»; p. 384: «Das outras mortificaçoens dos sinco sentidos faça muito caso: porque quanto mais as vsar, tanto mais experimentalmente enxergará os favores do Ceo».

65 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 379: «A devaçom de tomar todos os dias diciplina he muito boa; podesa fazer com huma condiçom, que sejaõ poucos os açoutes: porque assim nam fasmes mal, & podem ser tê trinta, & tres contados, & mais nam.»; p. 384: «Nas diciplinas, que tomar, nam se deixe levar do fervor: porque tirados os primeiros, os mais quebrão muito as forças, & assim nunca passe de trinta & tres».

66 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 384: «Do cilicio nam vse aonde lhe possa faser mal ao figado de que he achaquada.»; p. 391: «Tambem avise as [senhoras] que trasem cilicio, o nam cinção, como ordinariamente se faz, mas que o lancem ao hombro atravessado: porque desta maneira nam faz tanto mal».

67 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 390-391: «V. m. viva mui contente; & façahe muitos serviços tendo grande caridade com seus proximos, grande amor, & profundissima humidade com sua Divina Magestade; porque tanto hum crece na virtude, quanto tem disto; & ainda que nam faça muitas penitencias, como he por nam poder mais, o Senhor se contenta, & agrada com o que cada hum pode conforme suas forças: & já que nam pode trazer cilicio, offereça esta vôtade a Deos, & faça em seu lugar alguma mortificaçom na curiosidade com a mais de todos os sentidos exteriores, principalmente vista, & lingua. E ainda que o tenho encomendado muitas veses, comtudo por ser cousa tam necessaria, & espirito de poucos, o torno a encomendar, que he o fallar de Deos, de suas grandezas, & da Virgem Senhora Mãe, & de cousas em fim espirituales, nam querendo ouvir, nem saber novas do mundo, nem o que passa pella terra, nem ainda no mesmo Convento, quando nam seja cousa necessaria; porque disto se agrada o Senhor muito, & nam se pode crer o que huma alma ganha em huma pratica espiritual, como se anima, & esforça, & louva a seu Creador, & digo que muitas veses he mais proveitosa, que muitas horas de oraçam; & escusaõse muitas, & grades faltas que se fasmes fallando das cousas em que tudo he vaidade, & realmente sam vans, & sem proveito.»; pp. 414-415: «Este he o atalho, que he a gèral mortificaçom de sy mesma, & hum desprezo de toda a propriedade; isto he hum desfazerse, & envilecerse totalmente a sy mesma: porque a mesma humidade he o mais breve caminho, por onde se vai direito ao cume da perfeiçam, & a caridade, & pureza de conciencia

O Padre João Cardim recomenda também à irmã a comunhão frequente «todos os oito dias»⁶⁷, enviando-lhe, para sua melhor preparação, algumas meditações⁶⁸, e recomenda-lhe igualmente a comunhão espiritual⁶⁹, conceito que designa a união da alma com Cristo, realizada não através do sacramento, mas pelo desejo ardente dessa recepção⁷⁰.

Como é sabido, a espiritualidade do século XVII foi marcada por vários casos de visões, revelações, êxtases, que alimentaram, em grande medida, o gosto barroco pelo espectáculo e por uma espécie sui generis de heroísmo. Contudo, o Padre João Cardim não lhes reconhece qualquer interesse ou importância para o progresso na vida espiritual e sustenta até que estes não devem ser desejados⁷¹.

No domínio das devoções, o religioso jesuíta aconselha a devoção à Virgem Maria⁷² e ao Beato Luís Gonzaga⁷³, assim como às relíquias, nomeadamente de Santo Inácio⁷⁴ e do Padre José de Anchieta⁷⁵, o que parece apontar para uma promoção do culto de «santos» recentes da Companhia de Jesus.

Nas suas cartas, o Padre João Cardim vai dando também alguns conselhos de

he esse cume.»; p. 422: «He necessario que nos façamos santos, que o mais he vaidade, & isto está em nossa mão, em nos mortificarmos; & já que nam pode ser em cousas muito grandes, seja nas pequenas, em não ver, em nam olhar, em nam fallar, nem comer; mais que de tudo isto somente o necessario, & preciso, que se nam pode escusar, amar muito a Deos, & humilhar muito, ante sua Divina Magestade, ser muito obediênte, fallar bem de Deos, & dos proximos».

67 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 340.

68 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 341-343.

69 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 384.

70 Cf. BAZELAIRE, Louis de – *Communion spirituelle*. In *Dictionnaire de spiritualité ascétique et mystique*. Tome II, deuxième partie. Paris: Beauchesne, 1953, cols. 1294-1300. O termo e o conceito de recepção espiritual da eucaristia ou comunhão espiritual surgiu no século XIII, aquando do confronto de várias correntes sobre a transformação eucarística e a função deste sacramento na vida dos fiéis. Na esteira de Alexandre de Haëles, alguns autores defendem que a recepção do sacramento depende da capacidade do receptor em reconhecer o seu simbolismo. Sendo o corpo de Cristo um alimento espiritual, só uma natureza intelectual pode discernir para além dos símbolos exteriores, compreender a transubstanciação e receber o Senhor. Paulatinamente, a recepção espiritual torna-se tanto ou mais importante do que a recepção sacramental: assim, a comunhão espiritual passa a ser aconselhada pelos confessores em casos em que a comunhão sacramental é considerada impossível ou perigosa.

71 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 379.

72 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 339.

73 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 344.

74 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 344.

75 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 394.

leitura⁷⁶ à irmã: o *Contemptus mundi*⁷⁷, algumas obras de Fr. Luis de Granada⁷⁸ e do Padre Luis de la Puente⁷⁹, o *Exercício de perfeição e virtudes cristãs*⁸⁰ do Padre Alonso Rodriguez (S.J.), as obras de Louis de Blois (Ludovico Blósio), traduzidas do latim para castelhano por Fr. Gregorio de Alfaro (O.S.B.)⁸¹, Santa Teresa de Jesus⁸², o «livro da Santa Chaves»⁸³, o «livro do Beato Gonzaga»⁸⁴: recomendações que parecem sugerir não apenas uma certa «invasão» e preponderância de autores da Companhia de Jesus, do Carmelo e da ordem de S. Domingos, como também uma significativa influência da corrente dos

76 Sobre conselhos de leitura dados pelo franciscano Fr. António das Chagas, veja-se CARVALHO, José Adriano de Freitas – *Do recomendado ao lido. Direcção espiritual e prática de leitura entre franciscanas e clarissas em Portugal no século XVII*. «Via Spiritus». Nº 4 (1997), pp. 7-56. Sobre a presença do livro e o seu uso em comunidades religiosas femininas, em Espanha, entre os séculos XIV-XVI, veja-se M. CÁTEDRA, Pedro – *Lectura femenina en el claustro (España, siglos XIV, XVI)*. In *Des femmes et des livres (France et Espagne, XI^e–XVII^e siècle)*. Etudes réunies par DE COURCELLES, Dominique; VAL JULIÁN, Carmen. Paris: École des Chartes, 1999, pp. 7-53. Sobre hábitos e interesses de leitura entre religiosas, nos séculos XVI e XVII, veja-se SANZ HERMIDA, Jacobo – *Libros y lecturas en el convento de las Madres Agustinas Recolectas de Salamanca (siglos XVI-XVII)*. «Via Spiritus». Nº 4 (1997), pp. 133-232. Veja-se também CASTILLO GÓMEZ, Antonio – *Leer en comunidad. Libro y espiritualidad en la España de barroco*. «Via Spiritus». Nº 7 (2000), pp. 99-122.

77 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 344, 416. Tratar-se-á, certamente, da edição recopilada de «diversos e graves autores» por Fr. Luis de Granada (O.P.). Evora: em casa de Andre de Burgos, 1555; Lisboa: em casa de Ioannes Blauio de Colonia, 1557; Lisboa: em casa de Antonio Gonçalvez, 1573; Lisboa: em casa de Antonio Ribero, 1589.

78 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 357, 379, 433 («No que toca a liçam espiritual, lembro a v. m. que nam deixe de todo o P. Granada: porque he cousa muy excelente a sua doutrina, & muy solida, & a sua eloquencia nam tem par»). Uma das obras cuja leitura é recomendada parece-nos ser o *Tratado de algunas muy devotas oraciones para provocar al amor de Dios y de las otras virtudes*. Lisboa: em casa de Ioannes Blauio de Colonia, 1561.

79 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 339-340, 359, 368. Provavelmente em castelhano (*Meditaciones de los misterios de nuestra santa fê*. Valladolid: por Juan Godinez de Millis, 1607, ou Valladolid: por Juan Godinez de Millis, 1613), visto que a tradução e compilação em português, pelo Padre Manuel Monteiro (S.J.), só sairia em 1649 (Tomo I) e 1650 (Tomo II).

80 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 380, 385. Dever-se-á tratar da seguinte edição: *Exercício de Perfeccion y virtudes cristianos. Dividido em tres partes. Parte primera de varios médios, para alcançar la virtud i perfeccion*. Sevilla: por Matias Clavijo, 1609. Esta obra é dirigida aos religiosos da Companhia de Jesus.

81 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 416. Por estes anos, circulavam já as seguintes edições: Madrid: en la Imprenta de Iuan de la Cuesta, 1608; Barcelona: por Lucas Sanchez, 1609; Barcelona: por Sebastian de Cormellas, 1614.

82 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 433: «Tambem me parece que lhe seria de muito proveito ler o livro da Beata Madre Theresa de Jesu: porque he muy digno de ser trazido na alma, & memoria; mas em quanto v. m. nam passar as suas Chronicas, nam lea outra cousa, & nam se mate com muita liçam, mas pouca, & bem rumiada...».

83 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 72. O Padre João Cardim está, certamente, a referir-se à *Vida* de Margarida de Chaves, venerável matrona da ilha de S. Miguel, de SOUSA, Gonçalo Correia de – *Breve Compendio de santa vita di Margarida de Chieves di gloriosa memoria*. Roma: por Bartholomeo Zannetti, 1612.

84 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 72-73. Dever-se-á tratar da obra de CEPARI, Virgilio (S.J.) – *Vida do beato Luiz Gonzaga da Companhia de Jesu. Treladada do italiano em portuguez, e abbreviada pelo Padre Ieronymo Aluarez*. Lisboa: por Pedro Craesbeeck, 1610.

místicos renano-flamengos, que haviam fortemente marcado a espiritualidade dos séculos anteriores⁸⁵. Por outro lado, o Padre João Cardim evoca igualmente algumas razões de ordem metodológica que devem presidir à leitura espiritual, tais como ler poucos livros, mas fazê-lo meditando e aproveitando assim a sua lição⁸⁶.

As cartas dirigidas pelo Padre João Cardim à sua mãe, D. Catarina de Andrada, reflectem também essa preocupação de que esta alcance a perfeição na vida devota e espiritual, que, no seu caso particular, deveria constituir o corolário da educação da «verdadeira e perfeita viúva», que reproduzia o modelo das «santas viúvas», como as que foram exaltadas por São Paulo e pelos Padres da Igreja, que assim fixaram um paradigma que foi recuperado e defendido pelos textos doutrinários e educativos da Época Moderna⁸⁷. Aliás, esta atitude filial

85 Veja-se, a propósito, RICARD, Robert – *L'influence des "mystiques du Nord" sur les spirituels portugais du XVI^e et du XVII^e siècle*. In *Études sur l'histoire morale et religieuse du Portugal*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian / Centro Cultural Português, 1970, pp. 205-221; BELCHIOR, Maria de Lourdes; CARVALHO, José Adriano de Freitas – *Gênese e linhas de rumo da espiritualidade portuguesa*. In *Antologia de Espirituais Portugueses*. Lisboa: IN-CM, 1994, esp. pp. 13-18.

86 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 433: «... nam se mate com muita liçam, mas pouca, & bem rumiada, & dirigida, pera que aproveite à alma, notando os exemplos das virtudes interiores, que puder imitar, & animarse a isso exercitandooas com a vontade, & desejos, & pellos exteriores, & tambem por estes louvar muito a Deos».

87 Veja-se FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – *Viúvas ideais, viúvas reais. Modelos comportamentais e solidão feminina (séculos XVI-XVII)*. «Fases de Eva». Nº 1-2 (1999). A propósito, veja-se também um caso de «reabilitação» na Itália contra-reformista do modelo de Marcela, no estudo de CABIBBO, Sara – *Marcella Romana, vedova, nell'età della Controriforma*. In *Modelli di santità e modelli di comportamento. Contrasti, intersezioni, complementarità*. A cura di BARONE, Giulia; CAFFIERO, Marina; BARCELLONA, Francesco Scorza. Torino: Rosenberg & Sellier, 1994, pp. 283-293. A preocupação com o comportamento das viúvas (ainda que Erasmo, na sua obra *Vidua Christiana* (1529), tenha defendido que «No a todas, empero, es lícita la misma conducta» (cf. ERASMO – *La viuda cristiana*. In *Obras Escogidas*. Trad. de RIBER, Lorenzo. Madrid: Aguilar, 1964, p. 364) – e sobretudo a conservação deste «novo» estado, aproximável de um ideal de uma segunda virgindade – parece, efectivamente, ocupar um lugar preponderante no quadro da direcção espiritual levada a cabo por religiosos. A título de exemplo, lembremos as cartas do beato António da Conceição (C.S.J.E.) a duas viúvas: D. Maria Manuel (†1635) e D. Helena de Noronha da Costa, senhora do morgado de Pancas, que, como já notou FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – *Viúvas ideais, viúvas reais. Modelos comportamentais e solidão feminina (séculos XVI-XVII)*. Art. cit., p. 63, apesar de serem de «tom consolatório», são acompanhadas «de conselhos vários que retomam e desenvolvem os preceitos paulinos e dos Padres da Igreja». D. Maria Manuel era filha de Manuel de Sousa, aposentador-mor, e de D. Francisca de Vilhena (filha esta de Jorge de Lima e de D. Isabel de Castro). Casou com Manuel de Melo de Magalhães, governador de Malaca, comendador de São Salvador do Campo de Neiva, na Ordem de Cristo, do Conselho dos reis D. Sebastião, D. Henrique, Filipe II e Filipe III. A sua filha D. Francisca de Vilhena casou com D. Jorge Mascarenhas, marquês de Montalvão (SOUSA, D. António Caetano de – *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Tomo XI. Coimbra: Atlântida, 1953-1954, p. 410-411, e tomo XII-Parte II, p. 63). Jorge Cardoso incluiu esta «virtuosa matrona» entre o número de «santos» do reino de Portugal «e suas conqistas», que foi também «filha espiritual» de Fr. António da Conceição (O.S.S.T.) e dos carmelitas Fr. Simão Botelho e Fr. Luis de Mértola (CARDOSO, Jorge – *Agiolégio Lusitano*. Tomo III. Edição fac-similada de FERNANDES, Maria de Lurdes Correia. Porto: FLUP, 2002, pp. 475-476).

Por sua vez, D. Helena de Noronha da Costa, senhora do morgado de Pancas, era filha de João da Costa, senhor de Pancas e Atalaia (irmão de Gaspar da Costa) e de D. Inês de Noronha (cf. GAYO, Manuel José Felgueiras – *Nobiliário de Famílias de Portugal*. Volume XII. Braga: Pax, p. 186)

Casou três vezes: a primeira com D. Manuel da Cunha, senhor de Tábua; a segunda com D. Francisco de

parece coadunar-se, antes de mais, com o facto de D. Catarina pretender ingressar no convento de Jesus, em Viana do Alentejo⁸⁸, anseio que viu dificultada a sua concretização por causa de uma questão relacionada com a mudança de uma tença⁸⁹. De facto, como sublinha Maria de Lurdes Correia Fernandes, a viuvez era, para as mulheres, «um estado mais difícil, mais exigente, às vezes mais cruel», mas «também podia contribuir para as fazer mais “perfeitas”, fornecendo-lhes as condições para uma vida ascética e espiritual que os tempos do casamento – com diversas obrigações mundanas, a maior das quais a obediência ao marido – não autorizavam»⁹⁰. Com efeito, o Padre João Cardim exorta a mãe, agora já «sem obrigações de filhos», a «tirar todos os cuidados delles, pondoos em sua Divina Magestade, trasendo sempre nelle o pensamento, & fasendo força nisso a sy mesma: porque este he o maior merecimento desta vida»⁹¹. É neste sentido que o jovem religioso aconselha a mãe a conformar-se com a vontade divina, no que respeitava às doenças de que vinha padecendo⁹², ao «estado» escolhido por nove dos seus dez filhos⁹³ e à questão da tença⁹⁴.

O Padre João Cardim recomenda à sua mãe que uma das práticas que esta deverá exercitar continuamente é a da oração, sobretudo mental⁹⁵, «que he de fruto incrível», aconselhando-a a recorrer aos livros do Padre Luis de la Puente que ele tinha enviado à Madre Isabel de São Francisco⁹⁶; relativamente à prática da oração vocal, o jesuíta aconselha-a a diminuir os tempos dedicados a esta⁹⁷. Quanto a metodologias de oração, concretamente no âmbito da oração mental, o Padre João Cardim privilegia a meditação na Paixão de Cristo⁹⁸. No domínio dos exercícios espirituais, o jesuíta aconselha a mãe para que esta faça exame de

Castelo Branco, capitão de Ormuz; a terceira com Manuel de Vasconcelos, comendador de Santo Isido, senhor do morgado do Esporão, presidente do Senado da Câmara de Lisboa, regedor das justiças, do Conselho de Estado de Portugal, em Madrid. De nenhum destes matrimónios teve filhos (SOUZA, D. António Caetano de – *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Tomo XII-Parte I. Coimbra: Atlântida, 1947, p. 43).

88 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 337.

89 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 350-351, 404, 426-427.

90 Cf. Maria de Lurdes Correia FERNANDES, «Viúvas ideais, viúvas reais...», *art. cit.*, pp. 70-71.

91 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 374.

92 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 332-333, 345.

93 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 333, 426.

94 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 350-351, 404, 426-427.

95 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 336, 351.

96 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., p. 336.

97 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 336, 346, 351.

98 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 336-337, 346.

consciência⁹⁹ e tenha «sempre o sentido, & pensamento em Deos»¹⁰⁰.

A par da oração (sobretudo mental), o Padre João Cardim recomenda à sua mãe a frequência dos sacramentos¹⁰¹, especialmente a comunhão frequente¹⁰², na medida em que esta prática era fundamental para que esta alcançasse a perfeição no seu «estado».

Estas cartas parecem assim indicar-nos alguns vectores interessantes da orientação da vida espiritual e da direcção de consciência no século XVII português. Mas parece-nos que o seu confronto com as suas congéneres poderá lançar mais alguma luz sobre esta problemática, que, como já referimos, mereceu recentemente a atenção de vários estudiosos, sobretudo da área italiana. Orientações de leituras, de modos de orar, de práticas ascéticas que mostram «teias» de relações e de influências e pautas de referência que marcaram a espiritualidade e as práticas devocionais da Época Moderna...

99 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 346-347.

100 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 336-337: «... & pello menos nam faça v. m. cousa nenhuma sem companhia, & esta seja a da Virgem nossa Senhora de huma parte, & a Christo nosso Senhor da outra; imaginandoo, oi crucificado, ou em qualquer outro passo da Payxam; & agora neste santo tempo do Natal, na Lapinha de Belém; já adorado dos Reys, já visitado dos Pastores, já glorificado dos Anjos, & finalmente sempre acompanhado da Virgem Mãy: & esteja v. m. bem certa, que quanto mais trouxer estas lembranças, tanto mais crescerá no amor Divino, & na perfeiçam».

101 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 351, 374.

102 Cf. ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre Joam Cardim*. Ob. cit., pp. 336, 337.